

PRONOMES IMPERATIVOS EM BANAWÁ

IMPERATIVE PRONOUNS IN BANAWÁ

Laísa Tossin¹

RESUMO: Neste trabalho considerarei o uso dos pronomes imperativos, tendo como base a estrutura silábica do Banawá, língua amazônica falada no médio Purus que, juntamente com Jamamadi e Jarawara, integra os dialetos da língua Madi, pertencente à família Arawá. Esta pesquisa inclui as regras fonológicas necessárias para a descrição do uso dos pronomes.

Palavras-chave: pronomes imperativos; Banawá; descrição linguística.

ABSTRACT: In this work we consider the use of imperative pronouns, based on the syllabic structure of Banawá, an Amazonian language spoken in the middle Purus, which together with Jamamadi and Jarawara, constitutes the dialects of the Madi language, part of the Arawá family. This inquiry includes the phonological rules needed to describe the use of pronouns.

Keywords: imperative pronouns; Banawá; linguistic description.

1. INTRODUÇÃO

Os Banawá são um dos grupos indígenas brasileiros mais desconhecidos. Habitantes da região do rio Purus, eles são muito próximos dos Jamamadi, com quem partilham de vários aspectos culturais, tanto que ambas as línguas são consideradas variantes. O vínculo entre os dois grupos é também constituído pela relação estabelecida com os brancos. Foram os Jamamadi que possibilitaram o primeiro contato dos Banawá com os brancos e era por meio deles que realizavam seus negócios. Por exemplo, os Banawá extraíam a borracha e a entregavam aos Jamamadi que cuidavam dos trâmites comerciais.

O Banawá é uma língua da família Arawá, que inclui Madijá/Kulina, Deni,

¹ Doutoranda em Linguística, UNICAMP.

Paumarí, Jamamadi, Jarawara e Zuruahá; além disso, é também considerada como uma variante do Jarawara/Jamamadi e, de acordo com Dienst (2008), ambas as línguas são dialetos da língua Madi. Atualmente é falada por 196 pessoas que vivem em três aldeias, localizadas no sudeste amazônico brasileiro, mais precisamente entre o Purus e o Piranha (-6.508889/-64.974167).

Seu território foi reconhecido como Terra Indígena Banawá, em 2004, pela Portaria n.º 2.583, de 21 de setembro de 2004 (MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, 2004, p. 16). Esse território possui como áreas lindeiras duas reservas extrativas (Resex) e as terras indígenas dos Jamamadi e dos Jarawara, vizinhos e também parentes distantes dos Banawá, de quem se separaram há muitos anos, sendo a data precisa de separação desconhecida. Da mesma maneira são desconhecidos muitos outros pontos etnográficos e históricos relevantes, visto que esse grupo nunca foi objeto de uma descrição etnográfica ou linguística.

Embora a população Banawá seja pequena, começou a crescer nas últimas décadas, apresentando em sua composição uma maioria de adultos jovens. Eles têm um forte relacionamento comercial e contato laboral com a cidade mais próxima, Lábrea (AM), o que estimula o uso do Português Brasileiro. Nos anos de 1980, os Bullers, um casal de missionários da Sociedade Internacional de Linguística (SIL), dedicado a traduzir a Bíblia para o Banawá, viveu com eles por seis anos e organizou a ortografia da língua.

2. INVENTÁRIO FONÊMICO E ESTRUTURA SILÁBICA DO BANAWÁ

O Banawá tem o seguinte inventário fonêmico. Nas consoantes, temos duas séries de orais não continuantes: vozeadas e não vozeadas. Entre as vozeadas há três plosivas: bilabial /p/, dental /d/ e lamino-palatal /ʃ/, e duas nasais: bilabial /m/ e dental /n/. Dentre as não vozeadas há duas plosivas: dental /t/ e velar /k/, e duas

fricativas: alveolar /s/ e glotal /h/. Há apenas uma líquida: alveolar /r/ e duas semivogais /w/ e /y/, sendo /y/ considerada alofone de /j/. No entanto, Everett (1993) descreve /y/ como lamino-palatal e não a considera alofone de /j/. Aqui apresento a proposta de Dixon (1999), por conter ambas as descrições.

Consoantes:

b	d	j		
	t		k	
		s		h
m	n			
		r		
w			y	

Vogais:

		i
	e	o
		a

Há quatro vogais em Banawá: *i*, *e*, *a* e *o*. A vogal *e* é geralmente frontal, aberta e média. A vogal *i* não pode ocupar uma posição de *onset* (C) em nenhuma representação lexical, embora possa ocorrer pós-lexicalmente. Não há ocorrências de [y] sem [i] que o anteceda. A vogal *o* oscila entre [o] e [u]. A vogal *o* pode ser ligada à posição de *onset* (C) na sílaba, onde é transcrita como /w/. Segundo Dixon, não há contraste entre *o-* e *wo-* no início de palavra, nem entre *-owV-* e *-oV-*, ou *-Vwo-* e *-Vo-*; sendo V uma vogal diferente de *o*. Entretanto, há contraste entre *V-* e *wV-*, em início de palavra, e entre *-V₁wV₂-* e *-V₁V₂-*. Como exemplo, podemos observar as palavras abaixo (DIXON, 1999; EVERETT, 1993):

(1) iti² 'tirar; pegar'

(2) witi 'nariz'

Entretanto, quando há uma vogal, geralmente com o pronome possessivo de primeira pessoa singular 'o', torna-se necessário inserir entre as vogais /w/, como descrito no parágrafo acima. Por exemplo:

(3) owini > ow- ini = meu dente

(4) tiwitere > tiw- ite -re = sente!

Em contraste, com a presença de /o/ em posição de *onset* (C), o fenômeno não ocorre, como em:

(5) otati > o- tati = minha cabeça

(6) obihi > o- bihi = meu braço

Não é permitido a /i/ ocupar uma posição de *onset* (C), porém, é possível ligá-lo à posição (C) pós-lexical. Nos casos abaixo, houve assimilação do /i/ da palavra que sucede o pronome possessivo 'ti-', de segunda pessoa singular.

(7) ti- ino > tino = seu dente

(8) ti- ime > time = sua carne

A estrutura silábica do Banawá é do tipo CV(V) pós-lexical não marcada, e permite a associação da esquerda para a direita das vogais /i/ e /o/ em posições pós-

² Todos os dados do Banawá foram gentilmente cedidos pela Sociedade Internacional de Linguística e se encontram disponíveis no material divulgado por Stan e Sandy Anonby.

lexicais vazias (EVERETT, 1993). Nos demais casos, a posição (C) simplesmente não é preenchida, resultando em uma sílaba sem *onset*. Seguem alguns exemplos:

(9)	Lexical	Fonética
tia	t i a	t i a
[tiya]		^
'tu'	C V V	C V C V
tino	t i n o	t i n o
[ti- ino]		^
'seu dente'	C V C V	C V V C V
otati	o t a t i	o t a t i
[o- tati]		
'minha cabeça'	V C V C V	V C V C V
owini	o w i n i	o w i n i
[ow- ini]		
'meu dente'	V C V C V	V C V C V
tiwitere	t i w i t e r e	t i w i t e r e
[tiw-ite-re]		
'sente!'	C V C V C V C V	C V C V C V C V

Uma das razões para determinar que sílabas em V não são admitidas em Banawá vem da comparação com o Sorowahá (família Arawá), em que os prefixos *o-* e *i-*,

respectivamente de primeira e segunda pessoa singular, funcionam como infixos em verbos iniciados com consoantes, por exemplo (DIXON, 1999):

(10) *gania*- 'ver' > *goania* = 'eu vejo'

(11) *sawa*- 'lavar' > *siawa* = 'tu lavas'

Foneticamente, o infixo se comporta como uma semivogal [*g^wania*] e [*s^vawa*]. Em Kulina, a descrição fonética da língua apresenta uma glotal que antecede as vogais em início de palavra (ADAMS, 1990), em posição mediana quando junto a outras vogais (encontros vocálicos). Em Jarawara, Vogel (2006) descreve a mesma ocorrência de glotal entre vogais, e acrescenta ainda a existência de vogais longas, e da alternância entre /*h*/ e /*y*/ sucedendo /*i*/, além de /*w*/ e /*h*/ sucedendo /*o*/ sem mudança no sentido lexical.

3. CONCORDÂNCIA DE PESSOA E PRONOMES POSSESSIVOS

Em todas as línguas Arawá, o prefixo possessivo e o prefixo verbal de primeira pessoa *o-* e o de segunda pessoa *ti-* são iguais, com exceção do Paumarí e do Sorowahá que perderam o 't', ficando somente *i-* (DIXON, 1999).

Assim, os prefixos vêm acoplados tanto aos substantivos possuíveis quanto aos verbos flexionáveis, incorrendo nas mesmas regras fonológicas. Para poder elaborar a regra, assumirei a seguinte estrutura para a colocação pronominal em substantivos possuíveis e verbos flexionais.

(12) [o [tati] ∅]

Em (12), a estrutura é plana, tanto prefixo quanto substantivo possível estão no mesmo nível, evitando hierarquias morfossintáticas que poderiam inviabilizar as regras fonológicas a seguir. Para os exemplos em (13), estabeleço as regras fonológicas subsequentes em (14):

(13)

a. otati

owini

b. tino

time

c. tifore

tiwitere

(14)

a. $0 > w/o \text{ ___ } i$

b. $i > 0 /ti\emptyset i[+cons.; +nasal]$

c. $0 > w/ti \text{ ___ } i$

O problema aqui está no fato de que oferecemos sempre /w/ para ocupar as lacunas entre /o/ e /i/. Em raízes verbais e nominais iniciadas por /i/, um /w/ é inserido entre as duas vogais (do prefixo e da raiz), como estratégia para manutenção da estrutura silábica e da prosódia, como demonstrado em (9). Porém, em (14b), a lacuna é preenchida pela assimilação do /i/. Como tentativa de elucidar o fato de que em (14b) há um traço que motiva a assimilação, apresento os traços das vogais no Banawá. Ao assumir a teoria da subespecificação, entendo que *e* não possui traços, *a* é [+baixo], *o* [+posterior] e *i* [+alto]. Não há descrição a respeito do arredondamento da vogal *i* na língua Banawá.

Como o prefixo *o-* sempre é silábico, independentemente de ser sucedido por vogal ou quando sucedido por consoante ou da vogal *i* seguida por nasal, não sofre Apagamento (MCCARTHY, 1988). Portanto, a regra de Apagamento proposta a seguir, se aplica somente à vogal alta *i* do prefixo *ti-* no exemplo (13c).

(15) Apagamento:

1 2 => \emptyset 2

V V

|

Dorsal

|

[+high]

4. PRONOMES IMPERATIVOS

Os pronomes imperativos em Banawá são *ti-*, prefixo pronominal verbal, *tia*, pronome pessoal na forma livre, e *tiye*, pronome imperativo na forma livre. O Imperativo pode ser gramaticalmente marcado por todos eles, mas preferencialmente por *tiye* como em:

(16)

a. Yaka tiye!

Caminhe!

b. Amo tiye!

Durma!

O prefixo flexional *ti-* obrigatoriamente vem unido à raiz do verbo ou ao verbo auxiliar, no caso dos verbos não flexionados, assim temos:

(17)

a. Tiwitererisa!

Sente!

b. Tifore!

Deite!

Nos exemplos acima, as regras previstas em (14) procedem igualmente, sendo um /w/ inserido entre as duas vogais (do prefixo e da raiz do exemplo (13a)), como estratégia para manutenção da estrutura silábica e da prosódia, como demonstrado em (9).

Outra regra necessária é a do Alçamento (MCCARTHY, 1988), como demonstrado em (18) abaixo, a regra deleta o nó Dorsal sem traços, deixando uma posição de V vazia. Essa regra se aplica à mudança de *e* para *i* na raiz verbal, quando o verbo terminado em *e* for sucedido pelo pronome imperativo *tiye*. A Apofonia (MCCARTHY, 1988) alimenta o Alçamento neste caso, pois cria uma posição de vogal vazia na raiz do verbo (à esquerda), que se tornará [e]. Essa regra deve ser entendida como a harmonização da terceira vogal com a quarta vogal, sendo a consoante (C) irrelevante. Então, em (18) temos a combinação das regras de Alçamento, Apofonia e Apagamento respectivamente, como demonstrado abaixo.

(18) Alçamento:

t	i		f	e		i		t	i		f	i		i	
C	V	C	V	C	V	C	V	C	V	C	V	C	V	C	V
Ponto			Ponto			Ponto		Ponto			Ponto			Ponto	
			‡												
Dorsal			Dorsal			Dorsal		Dorsal			Dorsal			Dorsal	
[+alta]						[+alta]		[+alta]			[+alta]			[+alta]	

			t	i	t	a	f	i	t	i	y	e		
Apagamento	C	V	C	V	C	V	C	V	C	V			Default	titafiye
					‡	‡								
					Pt	Pt								
					Dent	Dr								

O apagamento da primeira sílaba do pronome imperativo *tiye* pode ser explicado levando-se em consideração aspectos sintáticos presentes. O prefixo pronominal *ti-* também é usado na construção do imperativo e está presente na palavra, por isso é aceitável que seja apagado do pronome *tiye* em nome da economia. O apagamento não ultrapassa a vogal *i* da raiz do verbo, porque *y* sempre procura *i* para anteceder-lo. Exemplos:

(19)

a. Titafiye!

ti-	tafe	tiye
2SG	comida	IMP.
		'Coma!'

b. Tifimia.

ti- fimi tia

2SG fome 2SG

'Você faminto'

Embora o exemplo (19b) não seja de imperativo, a mesma regra de Apagamento se apresenta.

5. CONCLUSÕES

Para manter a estrutura silábica do Banawá e sua prosódia, é sempre inserido um /w/ entre duas vogais, de forma que ocupe uma posição (C) vazia. Visto que as vogais *a* e *o* podem formar sílaba, a presença de /w/ ocorre sempre antes de *i*.

O problema, no entanto, se torna maior ao lidarmos com pronomes acoplados a raízes verbais. Quando ocorre a presença de um prefixo verbal acoplado ao verbo e junto a uma forma livre que sucede o verbo, há o apagamento da primeira sílaba do pronome de forma livre.

REFERÊNCIAS

ADAMS, P.; MARLETT, S. Madija Noun Morphology. *International Journal of American Linguistic*, v. 56, n. 1, p. 102-120, jan. 1990.

AIKHENVALD, A.; DIXON, R. M. W. *The Amazonian Languages*. New York: Cambridge University Press, 1999.

ANONBY, S.; ANONBY, S. A report on three arauan speech varieties (Jamamadi, Jarawara e Banawá) of the Amazon. *SIL Electronic Survey Report*, v. 22, p. 3-32, 2007.

EVERETT, D. et al. Stress Placement, Syllable Structure and Minimality in Banawá. *International Journal of American Linguistics*, v. 59, n. 3, p. 280-293, jul.1993.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. Portaria n.º 2.583, de 21 de setembro de 2004. Define os limites da terra indígena Banawá constante do Processo FUNAI/BSB/1636/88. *Diário oficial da União*. Brasília, DF, 21 set. 2004. p. 16.

MCCARTHY, J. Feature Geometry and Dependency: a Review. *Phonetica*, v. 43-45, p. 84-108, 1998.

VOGEL, A. *Dicionário Jarawara-Português*. Cuiabá: Sociedade Internacional de Linguística, 2006.

Submetido em: 15/07/2014

Aceito em : 17/09/2014